

BASTA DE HIPOCRISIA

Joaquim Roriz

Em poucos anos a esmagadora maioria da população viverá nas cidades. Não por obra do acaso. Afinal, elas são centros de convivência e cultura, pólos de desenvolvimento onde florescem o comércio, as finanças, a indústria e onde os cidadãos encontram melhores oportunidades de acesso à saúde, habitação, educação, emprego — enfim, de realizar o sonho de uma vida melhor.

Como em tudo na vida, no entanto, realidades diferentes também coabitam as cidades. Elas não são exceção: abrigam os problemas mais agudos da sociedade moderna; os cinturões de miséria, os congestionamentos, a poluição e, sobretudo, a insegurança.

Nesse clima de ambigüidade vivem os homens: sonham de olhos abertos. Querem progredir, constituir família, ter sua própria casa. O dever dos governantes é oferecer, no maior grau possível, oportunidades iguais para todos.

Ao longo da história, a civilização sempre se mobilizou para conquistar um mundo melhor. Isso explica, pelo menos em parte, o sonho de Dom Bosco e a premonição de JK. Brasília foi imaginada e concebida como a

cidade-síntese da nacionalidade. Ela não é uma cidade como as outras. Não é apenas sede da administração e do poder nacional. Brasília é a Capital da Esperança, símbolo e concretização do sonho de todos os que aspiram a uma vida melhor.

Por isso tudo, creio que é hora de falar francamente. Abandonar a hipocrisia. Encarar a verdade. Brasília é a terra de todos os brasileiros. Dos ricos e dos pobres. Das pessoas que construíram a capital, das que aqui nasceram ou daquelas que chegaram ontem, de perto ou de longe, do sul e do norte, de todas as partes.

Brasília vive, em função disso, sua própria contradição. Todos os brasileiros desejam preservá-la, "serena, bela e única", como a quis Lúcio Costa. Nós, aqui vivemos, mais que todos os demais. Assim, o contínuo fluxo de migrantes pode incomodar, até assustar muitos de seus moradores. E esse têm que ter seus direitos preservados.

Mas o que fazer dos direitos daqueles outros brasileiros que, tangidos pelo desemprego, pela miséria, pela fome, pela doença, pela absoluta falta de perspectivas, deixam sua região de origem e vêm em busca desta nova terra prometida?

Veja bem: as pessoas não chegam aqui em busca de moradia. Esse não é um problema tão premente nas regiões interiores (e pobres) do Maranhão, Piauí, Bahia, Minas, Goiás, de onde provém a maioria dos atuais migrantes. Mas elas vêm, incessantemente, à procura de emprego, de tratamento de saúde, de educação.

Emprego, nem sempre acham. Mas a saúde mal ou bem é tratada, e vaga na escola de alguma forma encontram. A possibilidade de conseguir um lote em que construir pelo menos um barraco funciona, ao que tudo indica e no máximo, como um incentivo a mais.

Esta não é, também, uma nova realidade. Desde os a nos 60 os brasileiros chegam aqui dispostos a ficar. Vêm de todos os cantos, movidos pela esperança e fé. Com as próprias mãos erguem seus barracos e começam a sonhar seus sonhos. Assim foi à época da construção de Brasília, que acompanhei desde jovem. E os olhos de hoje não me mostram uma realidade muito diferente.

Retirantes de todos os cantos, migrantes expulsos dos bolsões de pobreza e miséria continuam cruzando diariamente as fron-

teiras do Distrito Federal. Não fui eu que inventou a miséria. Ela está aí, e bate à nossa porta. Infelizmente a miséria existe.

Para mim pouco interessa que o Brasil do próximo milênio seja considerado do primeiro, do segundo ou do terceiro mundo. O que realmente importa é que não haja tanta injustiça, tanta desigualdade. Que, sobretudo, não haja miséria.

Essa questão da terra urbana em Brasília é bem mais complexa e séria do que muitos imaginam. Um raciocínio simplista poderia levar à conclusão de que, deixando de oferecer lote a quem procura, e expulsando sumariamente quem invade terra pública ou alheia, a migração acabaria. Mesmo que fosse verdade, pergunto: quem ousaria fazer isso, deliberada e sistematicamente? Mais ainda: quem conseguiria fazer isto?

O mundo é cruel. Algumas pessoas também o são. Todas às vezes que um grupo humano se constitui, há os que dele fazem parte e os que são excluídos. Por isso, os excluídos sonham em tornar-se eleitos; os eleitos, desprezando-os, defendem seus privilégios.

Meu governo não está promovendo, como apregoam os maledicentes, uma farra dos lotes. Quem assim fala age de má fé.

Vê a realidade apenas sob o ângulo dos privilegiados, menosprezando o infortúnio dos excluídos.

Assim, o excesso de demanda por habitações no DF é um problema quase insolúvel. Pelo menos aqui, no nosso espaço, e no horizonte de tempo em que nos compete agir. Ele resulta de questões estruturais de todo o país. Não é um assunto meramente local.

Por isso é uma questão sem saída, nos limites de nossa possibilidades reais. A solução estaria na correção dos desequilíbrios interregionais do país. Na superação da pobreza. No desenvolvimento econômico e na efetivação da justiça social em todo o Brasil.

Esta é a maneira como vejo a dura realidade que diariamente bate às nossas portas. Mas não quero ser dono da verdade. Se alguém tem uma idéia melhor de como enfrentar esse problema, estou pronto a acolhê-la. Sei que cedo ou tarde todos entenderão que essa é uma dívida de todos, e não apenas dos governantes. Com paciência e perseverança acharemos os caminhos. Com muito trabalho e fé em Deus. E com otimismo. Pessimismo comigo não tem vez.

■ Joaquim Roriz é governador do Distrito Federal